

O REAL E O POÉTICO NA NARRATIVA JORNALÍSTICA

Jorge Kanehide Ijuim

Universidade Federal de Santa Catarina



2014

Índice

| | |
|--------------------------------|----|
| 1 Real e poético | 3 |
| 2 Arte poética e arte retórica | 4 |
| 3 Narrar e construir | 5 |
| 4 Debate público | 6 |
| 5 Animação do inanimado | 6 |
| 6 Imersão e paradoxo | 7 |
| 7 Sinestesia e ironia | 8 |
| 8 Empatia | 9 |
| Considerações finais | 10 |
| Referências | 11 |

Resumo

O poeta nutre-se do real para sua criação artística; o repórter apropria-se da poética para dar mais atratividade e compreensão à sua reportagem. Há pontos confluentes entre literatura e jornalismo? O real e o poético fundem-se para a construção de narrativas jornalísticas? Essas inquietações são pontos de partida para uma discussão sobre aproximações e apropriações dos recursos da literatura pelo jornalismo, em especial as figuras retóricas. Após reflexão sobre a arte retórica e a arte poética, de Aristóteles, que ajudam a esclarecer esses possíveis encontros, e sobre os fundamentos do jornalismo que embasam a produção de narrativas, este trabalho propõe-se a debater a seguinte questão: Como e de que forma as figuras retóricas, ou figuras de linguagem, podem contribuir para a construção de narrativas jornalísticas?

Palavras-chave: Jornalismo, Fundamentos do jornalismo, Narrativa jornalística, Jornalismo, Retórica.

⁰Publicado originalmente na Revista Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, 2010.

⁰Doutor em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: ijuim@cce.ufsc.br.

Texto 1

O poeta ia bêbedo no bonde.
O dia nascia atrás dos quintais.
As pensões alegres dormiam tristíssimas.
As casas também iam bêbedas.
Tudo era irreparável.
Ninguém sabia que o mundo ia acabar
(apenas uma criança percebeu mas ficou calada),
que o mundo ia acabar às 7 e 45.
Últimos pensamentos! últimos telegramas!
José, que colocava pronomes,
Helena, que amava os homens,
Sebastião, que se arruinava,
Artur, que não dizia nada,
embarcam para a eternidade.
O poeta está bêbedo, mas
escuta um apelo na aurora:
Vamos todos dançar
entre o bonde e a árvore? [...]

Texto 2

Sábado é dia bacana, dia em que o sonho da casa própria abana suas bandeiras para a gente. Dia de olhar geladeira na loja, escolher uma blusa nova. Dia de cada um pegar sua senha e esperar a fila andar. “Vim fazer exames de raio-X”, diz uma jovem. “Vim fazer exame de sangue”, fala outra. “Em

um dia desses, maravilhoso, falei: ‘Não vai ter ninguém no laboratório, só eu’. Não, estou aqui, eu e mais São Paulo inteiro”, lamenta uma mulher.

Sábado também é dia de a cidade inteira ir às compras nos supermercados, embora muitas pessoas compareçam contra a vontade. “Eu não gosto, mas venho porque a esposa realmente traz a gente”, conta o taxista Alcides Moraes.

E esse movimento todo? Algum evento, um show, alguma alegria? Não, é o Poupatempo. Sábado é dia de fotos 3x4 e carteira e carteira de identidade. “Vim fazer a segunda via do meu RG”, revela uma senhora. [...]

1 Real e poético

QUAIS são as semelhanças e as diferenças entre os dois textos aqui transcritos? Numa leitura preliminar, nota-se que ambos tratam de uma cena (comum?) do cotidiano. O primeiro narra um amanhecer num dia qualquer – hoje, amanhã, qualquer dia – em que as pessoas vivem sua vida, des preocupadas se o mundo vai acabar. E o poeta, bêbado, convida à dança, mesmo que o “fim” tenha sido anunciado. É uma imagem criada pelo poeta para exprimir seu estado de espírito. O segundo esclarece que o sábado, supostamente dia de folga, não o é para tanta gente, que aproveita o dia de “não trabalho” para colocar a vida em dia. É uma imagem criada pela repórter para expressar a rotina de pessoas comuns.

Aurora, de Drummond, e *Sábado é dia de*

compras, senhas e filas em SP, de Neide Duarte (*Jornal Hoje*, Globo, 7 mar. 2009), têm em comum o real e o poético. A poesia do mestre nutre-se do real para sua criação artística. A reportagem da jornalista busca no poético os recursos para dar brilho e atratividade à sua matéria. Uma das diferenças entre as duas produções é que a poesia de Drummond, sem qualquer preocupação temporal ou com recurso que lhe permitisse precisar ou delimitar, simplesmente manifesta a imaginação do poeta sobre o humano ser (real). A narrativa de Neide Duarte, envolta num jogo entre formal e coloquial, ao criar imagens e estabelecer analogias (poética), mostra a aparente contradição entre ócio e compromisso – manifesta a percepção da repórter sobre a vida de seres humanos.

O controverso diálogo entre literatura e jornalismo é antigo. Controverso porque o pensamento cartesiano e a visão positivista se encarregaram de delimitar e disciplinar campos que – a exemplo da literatura e do jornalismo – necessariamente, não têm de estar isolados. Convencionou-se, então, que a criação literária encaminha-se para o essencial humano, enquanto a atividade informativa aponta mais para o efêmero, o passageiro, o circunstancial. De outro modo, “a literatura se orienta para o importante e a informação jornalística para o urgente”. (Vazquez Medel, 2002, p. 18).

Na mesma linha de raciocínio, Olinto concorda com o caráter mais peregrino da obra literária e da efemeridade da matéria jornalística. O autor, no entanto, não só admite como também estimula o fazer jornalístico como literatura no jornal – na informação, na reportagem, na entrevista – dotado do mesmo vigor e da mesma permanência da literatura. Para o escritor-jornalista, de iní-

cio, é importante dominar a linguagem, e assim, “o jornalista pode criar, dar vida a uma obra, desde que tenha conservado a pureza de sua emoção, a verdade de seu perceber interno, sua fidelidade ao homem como ser-consciente e ser-responsável”. (2008, p. 15).

Em consonância com esse ponto de vista, Rivas observa que jornalismo e literatura sempre foram o mesmo ofício, pois o jornalista é um escritor, trabalha com palavras, buscando comunicar uma história e o faz com vontade e estilo. Para tanto, sublinha:

Quando têm valor, o jornalismo e a literatura servem para o descobrimento da outra verdade, do lado oculto, a partir da investigação e acompanhamento de um acontecimento. Para o escritor jornalista ou o jornalista escritor a imaginação e a vontade de estilo são as asas que dão vôo a esse valor. (*apud* Vazquez Medel, 2002, p. 19).

Se esse diálogo é controverso e antigo, os embates entre defensores da racionalidade e das artes remontam à própria Antiguidade. A retórica, tida como própria da filosofia para a busca da verdade (real?), e a poética, mais afeta às artes, foram objeto de debate entre doutos desde a Grécia. Platão criticou a poesia, pois considerava um grave delito abandonar a verdade pela imitação das coisas sensíveis. Para ele “as coisas do mundo sensível são cópias das ideias”, por isso “o artista é apenas um imitador dessas cópias e sempre está a dois degraus distante da verdade e desvirtua o verdadeiro”. (Rohden, 1997, p. 171). Ainda mais enfático, ele considerava a poesia imoral, porque “nutre e aumenta os nossos desejos e as nossas paixões. A arte,

porque desencadeia sentimentos e emoções, debilita o elemento racional que as deveria dominar”. (1997, p. 171).

Aristóteles deu outro sentido à arte (poética). Para ele “o que a arte imita são os caracteres, as emoções e as ações, não o mundo sensível, mas o mundo do espírito humano”. Opondo-se à concepção platônica, afirmou que “longe de reproduzir passivamente a aparência das coisas, as recria em certo modo, segundo uma nova dimensão”. (Rohden, 1997, p. 172).

2 Arte poética e arte retórica

A retórica aristotélica constitui uma teoria da argumentação, arte que visa a descobrir os meios de persuasão possíveis para vários argumentos. Sendo baseada em critérios dialéticos, essa se torna a técnica de argumentação, senão da verdade, mas do verossímil. O bom ou o mau uso da retórica, ou seja, o uso da arte do bem falar para defender argumentos verdadeiros ou falsos, depende única e exclusivamente da ética de quem assim procede – dos valores morais que cada um estabelece. Enfim, a retórica não é meramente uma arte de persuasão, mas, antes, é a faculdade de descobrir, especulativamente, o que, caso a caso, pode servir para persuadir.

A arte poética, como também a lógica, a dialética e a retórica, constituem dimensões possíveis para essa construção de argumentos, usuais ao longo da história em campos como o da filosofia, da literatura e do jornalismo. Se a poética é dimensão para a construção de discursos convincentes ao interlocutor é, para Aristóteles, dimensão complementar de sua arte retórica.

Tanto a arte retórica quanto a arte poética têm por objeto palavras e não coisas,

visto que ambas estão preocupadas com o problema da expressividade da linguagem, mas para Aristóteles “o poeta deve entrar no evento histórico e nos personagens *in toto*, como ação, gesto, palavra e não só especificamente como uso da palavra”. (*apud* Rohden, 1997, p. 179). Assim, enquanto a retórica faz um apelo mais especificamente racional, a poética dá mais ênfase aos aspectos representativos emocionais para atingir seu objetivo.

O senso comum, hoje, atribui à palavra retórica a construção discursiva inconsistente e a intenção de enganar pela magia da palavra. Neste estudo, no entanto, devemos superar essa visão rasa e entendê-la como a faculdade de ver teoricamente o que pode ser capaz de gerar a persuasão – ou a construção de argumentos convincentes. Lage (2005, p. 13) assinala que a retórica suscita temas fundamentais na abordagem do texto jornalístico, como a lógica, a clareza, a universalidade, a distinção entre fatos e versões, a fidelidade dos relatos, entre outros aspectos.

Se Aristóteles concebia a arte poética como uma das dimensões de sua própria retórica, a evolução de seu uso em campos, como a filosofia, o direito ou a literatura, consagrou o conceito *figura retórica* – ou figura de linguagem – como estratégia literária para se conseguir um efeito determinado na interpretação do leitor.

Ao aceitar que o fazer jornalístico contribui para a construção social da realidade, o presente estudo vislumbra a possibilidade de o jornalista conseguir suplantando o “efêmero e o circunstancial” e chegar ao “essencial humano”; ir além do “urgente” para atingir o “importante” – ao se apropriar de alguns recursos da literatura para “criar, dar vida, à sua obra” (narrativa jornalística). Para tanto,

explícito a indagação que conduz a linha de argumentação deste trabalho:

– *Como e de que forma as figuras retóricas, ou figuras de linguagem, podem contribuir para a construção da narrativa jornalística?*

3 Narrar e construir

Desde já se torna necessário esclarecer a que narrativa me refiro. Ao recorrer à teoria literária, Culler (1999) apresenta a narrativa como um enredo que exprime e visa a uma transformação. Ao fazer a diferença entre informação e narrativa, Benjamin (1980) ressalta que a primeira simplesmente relata fatos, na superficialidade e, por isso, se esvai rapidamente; a segunda, como história embasada na experiência, é duradoura, de certa forma aconselha e, por isso mesmo, produz sentido.

Essa noção de narrativa também encontra apoio nas teorias construcionistas do jornalismo, como salienta Traquina. (2005). Tais teorias reconhecem as notícias como narrativas, estórias marcadas pela cultura jornalística – seus recursos e as formas de pensar e fazer – e pela cultura da sociedade em que estão inseridos. Dessa forma, uma gama de referenciais simbólicos da cultura caracteriza uma integração de lentes pelas quais o repórter atribui significados aos fenômenos sociais. Assim, o jornalista-narrador necessita absorver/compreender os fenômenos para poder narrá-los – visando justamente à requerida transformação.

Como já escrevi anteriormente, o fazer jornalístico não se restringe a noticiar, mas supõe o relato das ações humanas. (Ijuim, 2005). Por isso, há que se considerar mais que fatos, mas fenômenos sociais; sua tarefa,

então, é a de compreender as ações humanas para poder narrá-las. Para tanto, exige-lhe o domínio de linguagens e a capacidade de reflexão, já que o pensamento e a linguagem são atributos humanos indissociáveis. (Vygotski, 1987). O relato das ações humanas advém dos esforços do jornalista em observar e refletir sobre os fenômenos para, percebendo-os, poder expressá-los.

Se é assim, narrar é construir uma realidade pela atribuição de significados, de sentidos – socialmente compartilhados –, que possam colaborar não só para que a audiência tenha informação, mas proporcionar situações para que essa audiência possa ser afetada, provocada.

Diante do exposto, retomamos a indagação já proposta: – Como e de que forma as figuras retóricas podem contribuir para a construção das narrativas jornalísticas?

4 Debate público

Nas páginas ditas opinativas das publicações impressas, é comum encontrar textos em que a marca autoral suplanta a formalidade da gramática dos manuais de redação. Editoriais, comentários, artigos de colaboradores e, em especial, os comentários políticos procuram atingir o grande público de forma convincente e verossímil. Para isso, é usual o colunista usufruir do idioma das esquinas para traduzir o labirinto dos corredores palacianos.

Kramer, em sua coluna diária em *O Estado de S. Paulo*, nos oferece exemplos adequados nesse sentido. Em *Dupla face*, discute a crise do Senado, a postura e as estratégias de Lula na tentativa de “blindagem” em torno do presidente daquela Casa legislativa. Algumas frases saltam aos olhos:

– o presidente... [...] vai parar de pôr publicamente a mão no fogo por ele, a fim de não se queimar ainda mais. – Aparentemente são versões contraditórias, já que esta última joga um bote salva-vidas na direção do presidente do Senado e aquela lança o homem ao mar. – Lula simula um recuo da posição de defensor do indefensável. – O presidente Lula busca cravar, assim, posições no cravo e na ferradura a um só tempo. – Vê minuar a força da ala adversária no PMDB, assiste de camarote ao presidente Lula se equilibrar de saia justa em corda para lá de bamba e aceita de bom grado os préstimos e as homenagens do PT. (*O Estado de S. Paulo*, 26 jun. 2009, p. A6).

Destacam-se as expressões “pôr a mão no fogo; bote salva-vidas; lançar o homem ao mar; no cravo e na ferradura; assistir de camarote; saia justa; e corda bamba”. O virtual coloquialismo não é simples opção estilística. Termos que poderiam permear uma conversa de bar aqui são mais que capricho ou ilustração aos propósitos de Kramer. A crítica da colunista ganha mais que brilho e atratividade. Ao recorrer às figuras retóricas, sua narrativa torna-se mais fluida, eleva-se em compreensão, ajuda a expandir o debate público a um público ainda maior.

5 Animação do inanimado

No caderno *Aliás*, do mesmo jornal, Tavares usa sua “caneta de condão” para dar vida ao glorioso *Shield Earth Pressure Balanced*, para transformá-lo no “tatuzão”. A prosopo-

peia de Tavares conta a história da gigante máquina de perfuração, que atua na escavação de túneis para o metrô paulistano. A hiper máquina tem 9,5m de diâmetro e 75m de comprimento e pesa nada menos que 1,8 mil toneladas, ou 1.800.000 quilos, o equivalente a 2.250 fuscas juntos, conforme *Na toca do tatu* (*O Estado de S. Paulo*, 25 maio 2008, p. J8).

A visita da repórter aos subterrâneos de São Paulo é contada no ritmo e no clima de um filme como os de *Indiana Jones*. Num texto carregado de hipérboles, comparações, metáforas, Tavares descreve as dimensões e detalha o funcionamento do “megatatução”, explicita sua rotina, suas tarefas e suas metas na construção da Linha Amarela do metrô. A narrativa é vigorosa, como neste trecho:

Os órgãos do animal incluem bobinas de cabo, de mangueira, transformadores, geradores, compressores e esteiras, muitas esteiras. Elas são como um sistema digestivo, um intestino, responsável por levar 30 toneladas de lama a cada cinco minutos para o Largo da Batata, e, de lá, para um aterro. São 200 caminhões por dia. O tatu come toda essa terra enquanto escava. Mastiga bem o terreno com seus 200 dentes. Para amolecer o solo, ora arenoso ora argiloso, cospe uma espuma. Avança como se um braço de 8 milhões de quilos empurrasse a parede.

É interessante notar que a repórter, ao utilizar esses recursos de linguagem, não quis, necessariamente, “abusar da magia das palavras”. Foi sua opção para, por um lado, de-

cifrar o indecifrável idioma de técnicos e engenheiros, o que talvez fosse incompreensível ao leitor médio se a matéria fosse produzida nos moldes tradicionais. Por outro, tornou o texto muito mais descontraído e, por isso mesmo, ficou mais atrativo um assunto – científico-tecnológico – que, apesar de curioso, é bastante árido.

6 Imersão e paradoxo

Para a revista *Brasileiros*, Pellegrini escreveu “Mergulhando num museu vivo”. Em viagem a Cuba, a matéria se baseou no paradoxo visual do antigo regime e dos produtos trazidos pela abertura. Vejamos alguns fragmentos:

Visito duas cubas: mergulhando, a riqueza do mar caribenho; e andando, sua alegre e experta pobreza. Tudo é duas caras aqui. Essa duplicidade se vê nos carros antigos dos cubanos e nos carros novos do governo, do turismo ou das empresas (é um socialismo com empresas privadas...). Mas a realidade nos recebe a bordo, com o almoço de lagostas e legumes enlatados, a deliciosa e pobre duplicidade cubana. Nas cidades vimos milhares de casas e sobrados sem manutenção, descoloridos ou na maioria sem pintura, num contraponto cinzento ao colorido marinho. No entanto, nessas ruas, anda uma gente que adora rir, falar e cantar, numa viva negação ao empobrecimento do espírito. (*Brasileiros*, n. 2, ago. 2007, p. 24-25).

Metonímias, onomatopeias, ironias e antíteses reforçam a imagem da paradoxal Cuba que Pellegrini descreve nas duas páginas de relato de viagem. Mais que mostrar só a beleza ou só a feiúra do lugar, a proposta do autor parece ter sido a de revelar a coexistência das diferenças e a convivência dos diferentes.

O brasileiro Kotscho diz que o repórter precisa “gastar solas de sapatos”. Sua trajetória profissional confirma sua admiração pelo autor dessa expressão – Gay Talese. Em geral, suas reportagens são fruto de longas caminhadas a pé, observando e ouvindo gente, muita gente. Em “Benditos palhaços”, para a mesma revista, *Brasileiros*, Kotscho percorreu corredores e ambulatórios para conhecer os *Doutores da alegria*, grupo de palhaços que atua em hospitais infantis. A descontração dos trocadilhos, as ambiguidades, as metáforas e os paradoxos o ajudam a mostrar o trabalho voluntário desses seguidores de Patch Adams (médico norte-americano que criou a terapia do amor e do riso, vivido no cinema por Robin Williams). Vamos analisar algumas cenas:

Vida de palhaço não é brincadeira. [...] Precisa ser muito palhaço para encarar esse desafio. Distinto público, caros leitores, a partir de agora, com vocês, os Doutores da Alegria. Ninguém precisa dizer que a situação aqui não está para palhaçadas. Como ela está bem, os três já entram no quarto imitando bichos, parece que abriram todas as jaulas do zoológico. Rosa Maria, a mãe, diverte-se como se estivesse em um circo de verdade.

(*Brasileiros*, nº 13, 2008, p. 50-57).

O relato vai além da descrição das performances de atores, pois narra a dedicação de profissionais que demonstram estar convencidos da eficácia do seu tratamento. A narrativa do repórter conta com as figuras retóricas para a recriação do clima estabelecido pelos personagens. Mais que isso, a construção de seu texto parece ter sido possível pela sua imersão no mundo do circo-hospital. Seu esforço criativo, de certa forma, ganha em elucidação, como também em estímulo para que o leitor o acompanhe nessa imersão.

7 Sinestesia e ironia

A revista *Piauí*, desde 2006 quando foi lançada, tem-se destacado pela ousadia de contrariar os manuais de redação. Textos longos, marca autoral, asas à subjetividade e à experiência de seus produtores e personagens. Essas têm sido algumas características de suas reportagens, normalmente elaboradas sem a mesma pressão do *deadline* da chamada imprensa. Em “A forma das fragrâncias”, Correa trata de maneira sinestésica “o capítulo brasileiro da indústria trilionária que dá olor e sabor às pessoas e mercadorias”. Vejamos alguns trechos:

Jean-Népomucéne-Auguste Pichault, o conde de Fortsas, levou 168 anos para deixar de ser boato e virar um perfume. [...] Como uma sinfonia de Bruckner, o cheiro revelou-se fresco, austero, quase amargo. Lembrou-lhe banheiros lavados com esfregão, azulejos em preto-e-branco, toalhas

limpas levemente úmidas e pai recém-barbeado. Há feromônios masculinos que, na tradução do crítico Luca Turin, só faltam gritar “leve-me a seus ovários”. (*Piauí*, n. 24, set. 2008, p. 34-39).

Envolto nesse clima de ironias, metáforas, comparações e prosopopeias, o texto apresenta um tema científico e mercadológico de um produto sofisticado: o perfume. A “construção sinestésica” de Correa, além de ironizar os bastidores dessa indústria, procura explicitar ao leitor os apelos emocionais “pensados e experimentados” na elaboração desses frascos preciosos.

8 Empatia

Duarte tem-se revelado por suas reportagens diferenciadas, reunindo ousadia, criatividade e engajamento social. Na reportagem “Protesto e dor”, dias após o trágico acidente com o *Airbus* da TAM em Congonhas (17/7/2007), poderia ser apenas mais uma reportagem repleta de números, informações da Defesa Civil, do Instituto Médico Legal, da TAM ou da Infraero. Poderia ser um balanço do número de mortos, dos corpos encontrados, das vítimas ainda desaparecidas ou dos procedimentos que os passageiros de voos futuros deveriam tomar para manter a normalidade da vida, mas a reportagem de Duarte foi além. Ela inverteu essa lógica:

O domingo foi de mobilização em São Paulo. Milhares de pessoas foram às ruas homenagear as vítimas da tragédia com o *Airbus* da TAM. Havia faixas de protesto, palavras de solidariedade e de indignação. A caminhada de cinco

quilômetros terminou em frente ao local da tragédia. Entre os presentes, o que se viu foi uma mistura de revolta, dor e solidariedade. São Paulo ainda tem nuvens escuras no seu céu. Da bandeira do Brasil que tremulava, sobrou só um fiapo. As luzes que resistiram se equilibravam com precariedade. Os aviões continuam a descer num retrato mal acabado de aeroporto. Nós estamos distantes, pequenos, diminuídos na nossa cidadania. De longe, nem parece que somos nós, ocupando uma parte da avenida. Mas estamos lá, caminhando, uma mancha no meio da cidade. Temos palavras de ordem, mas o coração está em desordem. “*Hoje eu estou sem chão, estou sem rumo. Não sei o que fazer. Mas, com certeza, essa energia aqui já está nos alentando bastante*”, disse a esposa de uma vítima, Joyce Oliveira. Estamos fora de foco, embaçados na nossa dor. “*Eu escutei o nome do meu pai na lista pelo rádio. Ele era maravilhoso, um exemplo de cidadão brasileiro, um exemplo para mim, para qualquer pessoa. É muito bom saber que tem tanta gente que está sensibilizada com tudo isso*”, lamentou a filha de uma vítima, Renata Oliveira. Em cima da bandeira, da ordem e progresso, das estrelas, do céu de anil, colocamos nossa esperança. O apoio, temos um nos braços do outro. A Defesa Civil confirmou que o prédio da TAM Express deve ser demolido ainda nesta semana. Telas de pro-

teção já foram colocadas. [...] A TAM informou que 39 vôos partiam de Congonhas [...]. (*Telejornal Bom Dia Brasil*, Rede Globo, 30 jul. 2007).

Em sua reportagem, Duarte ambientaliza, descreve, dá tons e nuances. Trouxe o espectador para o texto como se ele estivesse ali, vivenciando o que reportava. Utilizou, nele, entre outros recursos, as figuras retóricas para tornar a narrativa mais rica e poética. Esses recursos tornaram também a realidade reportada mais viva: trouxe cheiros, cores, subjetividades. São metáforas, prosopopeias, metonímias, pleonasmos, em meio a diálogos, descrições, imersão no cenário descrito, histórias de vida... A reportagem tornou-se mais humana, densa, complexa, como o é, de fato, o mundo em que vivemos. Sua narrativa, ao mesmo tempo provocativa, foi capaz de ser envolvente.

Considerações finais

“As coisas do mundo sensível são cópias das idéias”[...]. “O artista é apenas um imitador dessas cópias e sempre está a dois degraus distante da verdade e desvirtua o verdadeiro.” (Platão).

“O que a arte imita são os caracteres, as emoções e as ações, não o mundo sensível, mas o mundo do espírito humano”[...]. “Longe de reproduzir passivamente a aparência das coisas, as recria em certo modo, segundo uma nova dimensão.” (Aristóteles).

No embate entre os dois mestres pensadores, assumo o ponto de vista do segundo.

Construir narrativas que constituam enredos para a transformação (Culler, 1999), que reflitam uma experiência e, por isso, possam aconselhar (Benjamin, 1980), não “retratam” necessariamente “verdades”, mas recriam criticamente o real.

As referências aqui transcritas e comentadas são representações da realidade, fruto de observação detida, de reflexão apurada, de experiências amadurecidas dos repórteres. Conforme os desafios sugeridos por Medina (2003), também refletem a consciência de jornalistas que, ao usufruir de recursos da poética, enriquecem seu desafio *técnico* de narrar o cotidiano. Essa postura, no entanto, não os faz negligenciar outra dimensão fundamental de seu fazer, qual seja, o desafio *ético* de – pela ação e pela reflexão – canalizar seus esforços para o interesse público. Ao recorrer aos recursos da arte poética, esses repórteres reforçam e elevam a dimensão de seu desafio *estético* também inerente a seus fazeres – a cumplicidade e a sintonia com as questões mais universais.

Assim, a apropriação dos recursos da poética não configura a intenção desses repórteres de – na forma simplista e reducionista – criar textos brilhantes e cheios de adornos inócuos. As proposições desses escritores-jornalistas visam a oferecer narrativas ricas em elucidação, esclarecimento, emoção, provocação. Em muitos casos, é a maneira de tornar compreensíveis os indecifráveis idiomas dos especialistas. Por isso mesmo, conquistam audiência não só através de apelos sensacionalistas ou dramalhões do “mundo cão”, mas pela inteligência e lucidez do bom uso da linguagem – comum à literatura e ao jornalismo, comum ao real e ao poético.

Nos esforços de “recriação de uma nova dimensão às coisas”, tais narrativas também podem ir além do urgente (fatos) para abordar o importante (fenômenos sociais), transcendem o passageiro e o circunstancial na busca do essencial humano, porque adquirem “vigor e permanência à sua obra” (narrativas).

Se ainda há tantos como Platão que acreditam que “a arte, porque desencadeia sentimentos e emoções, debilita o elemento racional que a deveria dominar” (Rohden; Platão, 1997, p. 171), há tantos outros que defendem (como eu) que os sentimentos e as emoções (subjetividades) são forças que iluminam, arejam o racional, tornando-o uma racionalidade criativa. Por isso, competência *técnica* e compromisso *ético* podem ser enriquecidos pelo senso *estético* – sensibilidade essa que nos permite suplantar o analfabetismo afetivo – e realizar – nosso fazer jornalístico com arte, pois somos humanos:

Ora, a arte é a sua mensagem. Pois o que o artista pretende, ao nível do imediato, é dizer. Todos os seus recursos artísticos [...] colocados no plano da instrumentalidade, se encontram canalizados para esse dizer, que constitui uma finalidade imanente. Como isso se diz se refere sempre a um problema humano, deduzimos: o móvel da obra de arte é um problema humano. (Lyra, 1980, p. 236).

Referências

- Andrade, C.D. (s.d.). “Aurora”, in: _____. *Memória viva*. Disponível em: Memória viva. Acesso em: 13 jun. 2009.
- Benjamin, W. (1980). “O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: _____. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, p. 58-74.
- Culler, J. (1999). *Teoria literária: uma introdução*. Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca.
- Ijuim, J.K.; Suijkerbuijk, H.A. & Schimidt, L.Q. (2005). “Jornalismo: entre o objetivo e o subjetivo”, in: Congresso da Intercom, 26, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: Intercom. Acesso em: 13 jun. 2009.
- Lage, N. (2005). *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Lyra, P. (1980). *O real no poético*. Rio de Janeiro: Cátedra.
- Medina, C. (2003). *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus.
- Olinto, A. (2008). *Jornalismo e literatura*. 2. ed. Porto Alegre: JÁ.
- Rohden, L. (1997). *O poder da linguagem: a arte retórica de Aristóteles*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são*. 2ª ed. Florianópolis: Insular, vol. 1.
- Vazquez Medel, M.A. (2002). “Discurso literário e discurso jornalístico”, in: Castro, G. & Galeno, A. (Org.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, p. 15-28.

Vygotski, L.S. (1987). *Pensamento e linguagem*. Trad. de Jéferson Luiz Carmargo. São Paulo: M. Fontes.

Reportagens

Correa, M.S. (2008). A forma das fragrâncias. *Piauí*, São Paulo, nº 24, p. 34-39, set.

Kots Cho, R. (2008). Benditos palhaços. *Brasileiros*, São Paulo, nº 13, p. 50-57, ago.

Kramer, D. (2009). Dupla face. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. A6, 26 jun.

Pellegrini, D. (2007). Mergulhando num museu vivo. *Brasileiros*, São Paulo, nº 2, p. 24-25, ago.

Tavares, F. (2008). Na toca do tatu. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Caderno Aliás, p. J8, 25 maio.

Reportagens televisivas

Duarte, N. (2009). Sábado é dia de compras, senhas e filas em SP. *Rede Globo*, São Paulo, Jornal Hoje, 7 maio. Disponível em: Globo. Acesso em: 14 jun. 2009.

Duarte, N. (2007). Protesto e dor. *Rede Globo*, São Paulo, Bom Dia Brasil, 30 jul. Disponível em: Globo. Acesso em: 13 jun. 2009.